

Eixo Temático

1. Educação do Campo e Movimentos Sociais

Título

A PERSPECTIVA DO JOVEM ALTERNANTE DA CASA FAMILIAR RURAL DE CORONEL VIVIDA – PR EM RELAÇÃO AO SISTEMA DA ALTERNÂNCIA

Autora

Andreia Aparecida Detogni

Instituição

UFPR / UAB

E-mail

andreiadeto@yahoo.com.br

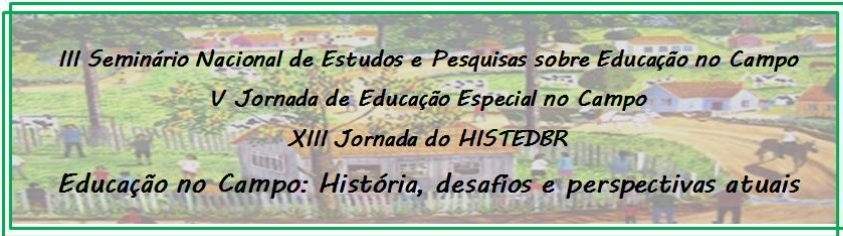
Palavras-chave

Educação do Campo; Jovem Alternante e Pedagogia da Alternância.

Resumo

Esta pesquisa objetivou analisar a identidade do jovem alternante matriculado na 3ª série do “Curso Técnico em Alimentos” da Casa Familiar Rural do município de Coronel Vivida – PR, observando os motivos que influenciaram sua decisão por frequentar o ensino da alternância, como ele tem aplicado na propriedade os conhecimentos adquiridos, e qual o envolvimento de seus familiares neste processo, percebendo de que modo à experiência com esta pedagogia tem contribuído para o seu desenvolvimento integral e de sua família. Foram sujeitos da pesquisa dezesseis jovens alternantes, matriculados no último ano do “Curso Técnico em Alimentos” da Casa Familiar Rural. Para a coleta de dados, foi utilizado questionário com perguntas abertas e fechadas. O processo de análise partiu das questões evidenciadas pelos jovens alternantes, buscando entender como estes compreendem a pedagogia da alternância, se encontram dificuldades para a efetivação da prática na propriedade familiar, as contribuições do sistema da alternância e Casa Familiar Rural na sua vida, e suas perspectivas futuras. A pesquisa bibliográfica fundamentou as reflexões sobre pedagogia da alternância, para isso autores como Gimonet (2007), Caldart (2006 e 2010), Gnoatto (2006), Teixeira e Antunes (2011), Nascimento (2009), e a LDB 93.94/96 art. 28 subsidiaram as discussões sobre a influência que a pedagogia da alternância por meio da Casa Familiar Rural de Coronel Vivida exerce na formação

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015

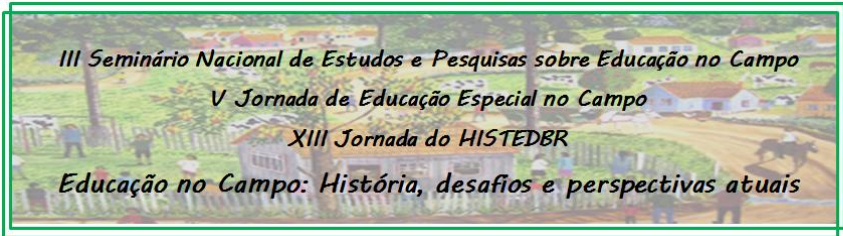


integral desses dezesseis jovens, orientando-os e inserindo – os sócio profissionalmente em um território onde é produzida vida, através de novas e contínuas relações sociais, observando o campo como espaço e território onde são produzidos história e cultura, resistindo à uma realidade de ensino que por vezes instrumentaliza o processo educativo. O trabalho revelou no contexto investigado a preponderância de alternantes do sexo masculino, que a grande maioria está adequada a faixa etária e também que a maior parte dos jovens alternantes e suas famílias residem no campo. Os jovens demonstraram saber como funciona o sistema da alternância do ponto de vista técnico, ficando a potencialidade desta pedagogia restrita a um aprender na teoria e aplicação na prática. Percebe-se a possível falta do ver-se essencialmente como sujeito em seu aprendizado, posicionando-se de modo crítico diante das decisões que envolvam sua vida profissionalmente, economicamente e politicamente. As dificuldades encontradas pelos alternantes quanto à prática na propriedade rural podem ser resumidas na não identificação de ideias com seus pais, o fator financeiro e a falta de produtos. Para a maioria dos alternantes a Casa Familiar ajudou no desenvolvimento do diálogo familiar, no saber conviver em grupo, na melhoria do trabalho praticado na propriedade da família e no desenvolvimento de um projeto profissional. Chama à atenção a constatação de que a maioria desses jovens não pretende permanecer no campo, o que nos leva a refletir sobre o que está sendo feito e o que pode ser feito eficientemente para que o sistema da alternância contribua não somente para a permanência dos jovens alternantes do campo, no campo, mas que também os mesmos possam contribuir efetivamente para o avanço deste território, por tantas vezes expropriado de suas especificidades.

Texto Completo

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 93.34/96 (LDB) em seu artigo 28, fica estabelecido o direito a população do campo por um ensino institucional adequado as diversidades sócio - culturais que venham a contemplar as especificidades regionais de cada espaço, tendo conteúdos curriculares, metodologias, organização escolar própria e adequação ao trabalho do campo que considerem suas reais necessidades. Ponderando também, as afirmações de Caldart, quando afirma ser a educação do campo o meio pelo qual são pensados os seus sujeitos em sua particularidade, em suas relações sociais em seu meio de existência, contribuindo para o desenvolvimento de sujeitos coletivos e sociais, formando e transformando-os historicamente a fim de que estes também façam, refaçam e desfaçam, por meio de suas ações pessoais e coletivas, com uma visão que combata o instrumentalismo do ensino (CALDART, 2008, p. 25 – 26), e ainda aludindo Gimonet, o qual remetendo-se ao sistema da pedagogia da alternância explicita ser esta uma metodologia que faz do jovem alternante não “apenas” um aluno escolar, mas um ator

**www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



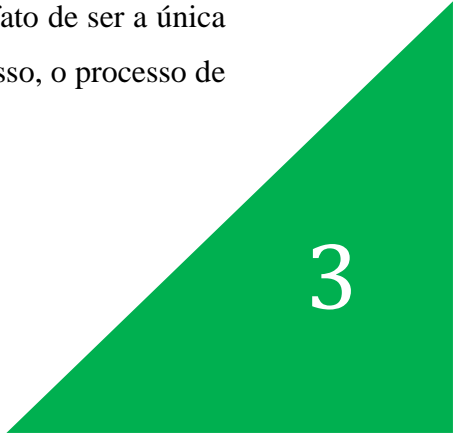
que se encontra inserido em um contexto e território, sendo sua família convidada a participar no processo de ensino formativo (GIMONET, 2007, p. 19 – 20), o presente trabalho de pesquisa teve como objetivos analisar o perfil dos jovens alternantes da 3ª série do ensino médio matriculados no curso de Técnico em Alimentos, da Casa Familiar Rural, e se eles têm encontrado dificuldades quando da aplicação prática nas propriedades rurais familiares. A pesquisa teve início com o referencial teórico embasado em autores como, Roseli Caldart e Jean – Claude Gimonet onde, por meio de livros, periódicos e artigos buscou-se o entendimento sobre a concepção de pedagogia da alternância, educação do campo, e casas familiares rurais. Para a coleta de dados com os jovens alternantes o instrumento escolhido foi o questionário com perguntas fechadas e abertas. O desenvolvimento expõe uma análise do questionário aplicado, observando quem são os alunos matriculados na 3ª série da Casa Familiar Rural, e as possíveis facilidades e/ou dificuldades encontradas por eles nesse percurso. Por fim a conclusão, tendo como base os autores acima citados e o resultado da análise dos questionários.

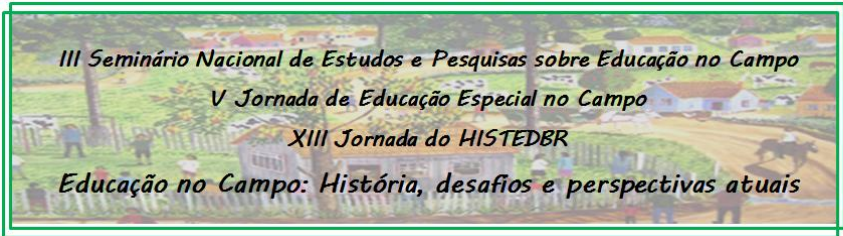
1. Metodologia da Pesquisa

O presente trabalho foi realizado tendo por base uma abordagem qualitativa de pesquisa, considerando-se que a investigação se refere ao estudo de um fenômeno social complexo e dinâmico – a educação, e seu objetivo foi o de compreender, nesse contexto, o perfil do jovem alternante da 3ª série do curso técnico em alimentos da Casa Familiar Rural de Coronel Vivida – PR, constatando as facilidades e possíveis dificuldades encontradas por ele no seu percurso na pedagogia da alternância.

O referencial teórico “desenvolvido com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44) buscou apresentar dados históricos sobre a educação do campo e o sistema da alternância.

Para a coleta de dados, fez-se uso do questionário com questões fechadas e abertas. A investigação se desenvolveu com 16 alunos da 3ª série da Casa Familiar Rural, localizada no município de Coronel Vivida, Sudoeste do Estado do Paraná. A escolha desta escola para o desenvolvimento da pesquisa se deu pelo fato de ser a única Casa Familiar Rural situada no município de Coronel Vivida. Além disso, o processo de





investigação realizado permite aperfeiçoar meus conhecimentos sobre o sistema da alternância e sobre a Casa Familiar Rural.

2. Pressupostos Teóricos

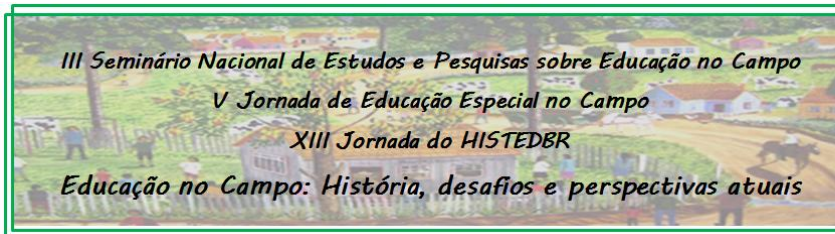
2.1 Educação do Campo: Uma Pedagogia em Movimento

A pedagogia da alternância é uma proposta de educação voltada ao desenvolvimento integral do jovem do campo que alterna períodos na instituição de ensino e períodos em que o jovem alternante passa em sua residência, aplicando os conhecimentos adquiridos durante as aulas. Contribui para a elevação da autoestima dos jovens alternantes e também para o resgate cultural das famílias, propiciando um estudo que vise à educação integral desses sujeitos, contemplando o envolvimento também de sua família neste processo (GNOATTO, et al., 2006), levando em conta os conhecimentos que estes trazem. Trata-se de considerar o alternante e sua família em todos os contextos:

(...) a alternância, enquanto princípio pedagógico, vai além de meras sucessões de tempos e espaços porque “visa desenvolver na formação dos jovens situações em que o mundo escolar se posiciona em interação com o mundo que o rodeia”. A pedagogia da alternância enfatiza a participação das famílias e das comunidades na condução do projeto pedagógico e na própria gestão da escola. Portanto, trata-se mais do que uma simples modalidade de organização da escolarização que alterna tempos e espaços para favorecer o ajuste do calendário escolar ao calendário agrícola no contexto da educação do campo. Na verdade, consiste em uma pedagogia que se sustenta na concepção de que a formação resulta de um processo interativo entre o sujeito e os seus contextos: familiar, profissional, político, cultural, escolar, etc., processo esse mediado pelo conhecimento acumulado historicamente (TEIXEIRA e ANTUNES, 2011, p. 955).

A pedagogia da alternância teve sua origem na França no ano de 1935 a partir da insatisfação de um grupo de famílias do campo com o então sistema educacional do país. O grupo reivindicava uma educação que atendesse às particularidades dos jovens do campo e que além da profissionalização, propusesse elementos para o desenvolvimento social e econômico da região (TEIXEIRA, et al., 2008). O surgimento da pedagogia da alternância foi uma soma conjunta de esforços que almejava para a região na qual aquelas famílias viviam um sistema de ensino voltado as suas

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



particularidades e que os reconhecesse como sujeitos, valorizando sua cultura e reconhecendo sua história:

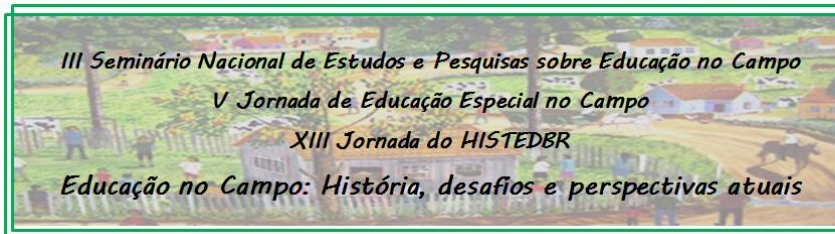
Foi criado por iniciativa de um grupo de famílias residentes do meio rural, que propunham uma formação profissional aliada a uma educação humana para seus filhos. Atualmente, este projeto está presente nos cinco continentes e em trinta países, com uma mesma concepção: a responsabilidade e o entrosamento das famílias na formação dos jovens, no sentido de provocar o desenvolvimento global de seu meio.

No Brasil, este projeto educacional para o meio rural, surgiu em 1968, no Estado do Espírito Santo, em vários municípios (...), com o intuito de resolver, através de uma educação voltada mais especificamente para crianças e jovens, os problemas da ignorância e da pobreza da comunidade rural extremamente carente e excluída pela sociedade, empregando uma pedagogia adequada à realidade deles, preservando a identidade cultural destas crianças (GNOATTO, et all,2006, p. 06).

O sistema de alternância é criado, portanto, com o intuito de possibilitar um ensino que supere as necessidades sociais e também históricas da comunidade, diminuindo com isso o êxodo, favorecendo o desenvolvimento do campo, levando em conta a identidade de seus jovens, suas experiências e estilo de vida. (NASCIMENTO, 2009).

É neste parâmetro que vemos o surgimento da pedagogia da alternância, como sendo uma proposta das Casas Familiares Rurais no Estado do Paraná no ano de 1989 no município de Barracão, expandindo-se em outras cidades do Estado e também nos outros dois Estados do Sul a partir do ano de 1991, como um espaço destinado para qualificar os jovens do campo e oferecer alternativas de renda e trabalho, para que os mesmos permaneçam e com isso beneficiem a si e também a própria região. Segundo informações do próprio site da Arcafar – Associação Regional das Casas Familiares Rurais do Sul do Brasil, hoje existem quarenta e duas Casas Familiares Rurais no Paraná, e estas são definidas como sendo:

(...) um local dentro do município ou dentro de uma região destinado a formação técnica, humana e gerencial dos jovens do meio rural e pesqueiro. A Casa Familiar permite que as pessoas se qualifiquem e possam adaptar-se a evolução da profissão em conjunto com a sua família e comunidade onde vivem. O Modelo de Educação das Casas Familiares Rurais tem como objetivo promover uma educação, formação e profissionalização alternativa eficaz e concreta mais apropriada à realidade do campo. Visa, com isso, incentivar a



permanência do jovem na sua própria região, criando alternativas de trabalho e renda, numa perspectiva da Economia Solidária (www.arcafarsul.org.br; acesso em 08-06-12).

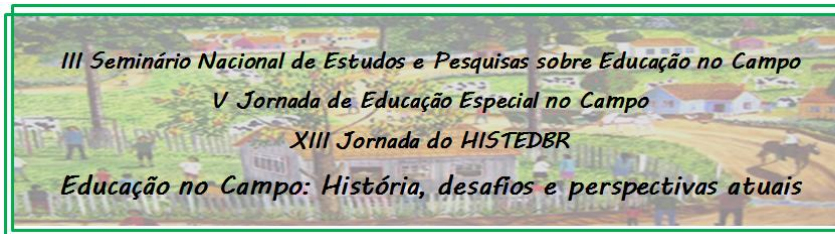
Essa perspectiva definida pela Arcafar Sul sugere pensar que a Casa Familiar Rural deve contribuir com os membros da comunidade a qual representa, inspirando a cultura local, a consciência política e o bem estar de todos. A concretização desta consciência será possível diante de mudanças conceituais representativas, adotando interações que compreendam o aluno do campo como sujeito de seu aprendizado, posicionando-se de maneira crítica e ativa diante das decisões que envolvam sua vida quanto ao caráter profissional, econômico e de cidadania, a fim de fortalecer a identidade e autonomia das famílias do campo, mostrando a toda a população que não deve haver divisões hierárquicas, mas sim o convívio de interação e complemento, pois o campo necessita da cidade, e a cidade necessita do campo.

As finalidades da pedagogia da alternância são de acordo com Gimonet:

(...) de um lado, a formação integral da pessoa, a educação e, de maneira concomitante, a orientação e a inserção socioprofissional; de outro lado, a contribuição ao desenvolvimento do território onde está sendo implantado o CEFFA (GIMONET, 2007, p.28-29).

Para que isso aconteça é fundamental que se identifique quem são os sujeitos deste processo, sua relação com o campo, bem como suas características sociais, econômicas e históricas. Para compreender a complexidade que o sistema da alternância representa, se faz necessário considerar os diversos elementos que a compõe, caracterizando a cada um, buscando a compreensão e a sua influência nesta prática. Entre estes elementos constitutivos, estão os sujeitos desta formação: os jovens alternantes, e a compreensão deste grupo não será possível sem considerar a experiência que cada um traz.

Por décadas criou-se um fetiche em relação ao campo e a sua população o que os deixava a parte da sociedade como se o campo fosse um local inferior e de atraso, alimentando a visão de que a zona urbana é o local estabelecido para o progresso da sociedade. Essa visão majoritária alimentou durante um longo período um ensino incompatível com a realidade do aluno do campo. Ainda que lentamente esse quadro



começou a ser repensado com a aprovação e vigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – 93.94/96 que em seu artigo de número 28 propõe medidas de adequação da escola a vida no campo, o que não fora abordado anteriormente:

Art. 28. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;

II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;

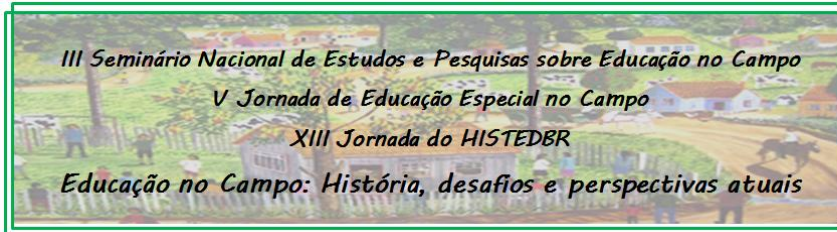
III - adequação à natureza do trabalho na zona rural (LDB 93.34/96, p. 13).

O sistema da alternância envolve a competência de possibilitar este ensino integrador, articulando e associando saberes, sem reduzir os campos de conhecimento. Lutando contrariamente aos programas escolares que não levam em conta a realidade de seus alunos, reduzindo as disciplinas a práticas isoladas sem qualquer relação possível entre elas. A pedagogia da alternância procura interligar estes conhecimentos, os contextualizando e unificando. (GIMONET, 2007).

Não será possível obter sucesso com esta prática se não houver a preocupação com o desenvolvimento pessoal e social destes sujeitos. Para tanto, é necessário que a mesma se desenvolva dentro da pertinência de:

(...) un plan de formación específico orientado precisamente el proyecto profesional de cada beneficiario, favorecen la sostenibilidad de las áreas rurales y el equilibrio territorial en la medida en que contribuyen a la permanencia de jóvenes adecuadamente formados en el territorio (MARIRRODRIGA, 2009, p. 181).

Para que isso aconteça é necessário fazer do processo de ensino uma prática que não divida o trabalho manual do trabalho intelectual, desarticulando e fazendo dele uma prática aleatória. São o contato com o conhecimento que será oportunizado as transformações sociais. É necessário transpor o sistema que acentua nas escolas a formação do trabalhador braçal e deixa em segundo plano o exercício da reflexão. Rompendo o exercício da apropriação mecânica de conteúdos, não colaborando para sua compreensão do mundo, pois deste modo o trabalho que deveria enriquecer o homem fornecendo-lhe subsídios para a vida, acaba fazendo com que trabalhe por algo que



mecaniza sua sobrevivência: ele criava e produzia, agora, passa a reproduzir o que por vezes outros homens criam e impõe. Pode-se afirmar que este ciclo em que o trabalho é um meio de vida e não mais vida, mecaniza o processo produtivo, e conseqüentemente trabalhar torna-se um esforço simbólico, e não mais uma função orgânica, socialmente útil.

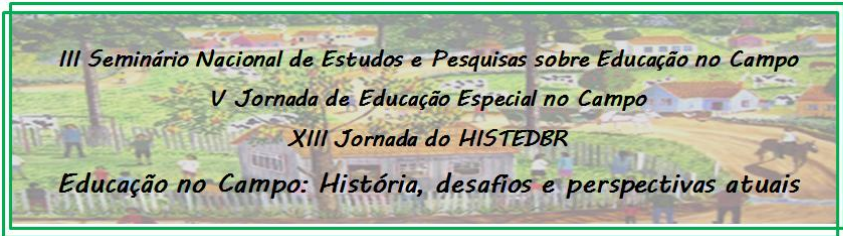
Trata-se de articular educação e trabalho de modo a substituir no alternante o caráter de divisão, estabelecendo uma proposta que vise o desenvolvimento integral de todos, na qual a escola não se prepara para a vida, antes, está conectada a vida. Quando o homem se relaciona com a natureza cria algo novo a partir dos conhecimentos e experiências que já possui, e é modificando a natureza externa que modifica sua natureza interior, desenvolvendo suas potencialidades.

Partindo desta premissa temos a concepção de educação do campo assim exposta por Caldart:

A Educação do Campo nasceu tomando posição no confronto de projetos de campo: contra a lógica do campo como lugar de negócio, que expulsa as famílias, que não precisa de educação nem de escolas porque precisa cada vez menos de gente (...). Nasceu como crítica à realidade educacional da população que vive do trabalho do campo e tomando posição no confronto de projetos de educação: contra uma visão instrumentalizadora da educação, colocada a serviço das demandas de um determinado modelo de desenvolvimento do campo (que sempre dominou a chamada “educação rural”), a afirmação da educação como formação humana, omnilateral e de perspectiva emancipatória, vinculada a projetos históricos, de longo prazo (CALDART, 2010, p. 25 – 26).

A intenção da educação do campo sobre o viés da alternância, é de enquanto movimento social proporcionar aos sujeitos que dela fazem parte um ensino que embora inserido em um sistema de exclusão, alimenta a concepção e luta por uma prática que humanize o homem, à medida que ele integra-se a sociedade de modo participativo e consciente. É em meio a lutas e conquistas que se encontra o sujeito do campo, inserido em um contexto de lutas sociais que visam garantir o seu direito a uma escola no campo e para o campo.

É necessário olhar para as escolas concebidas para os alunos do campo como um direito e não um favor, escolas que se importem em ensinar esses jovens de modo que



venham a se organizar e agir, assumindo a condição de sujeitos de seu destino. O aluno do campo, mais precisamente o aluno do sistema da alternância, sobretudo das casas familiares rurais está inserido em uma pedagogia de ação, resta saber se ele está consciente de seu papel diante da sociedade, e antes disso, diante de sua própria existência.

3. Resultados e Discussão

3.1 O que dizem os jovens alternantes

A realização desta pesquisa contou com a colaboração da Casa Familiar Rural de Coronel Vivida – PR. A mesma teve sua fundação no ano de 1994 e atualmente oferece o curso de nível médio de Técnico em Alimentos em sistema de alternância. Segundo informações obtidas pelos funcionários da Casa Familiar, atualmente são três turmas abertas com o número aproximado de cinquenta e oito alternantes matriculados, quatro técnicos e quatro coordenadores pedagógicos. A Casa funciona em regime de alternância semanal.

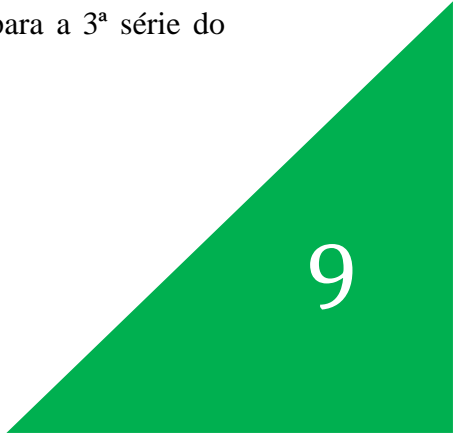
Para a realização da coleta de dados através de questionário aplicado aos jovens alternantes é importante salientar que não houve uma escolha prévia dos sujeitos, sendo realizada esta etapa da pesquisa de acordo com a disponibilidade dos mesmos.

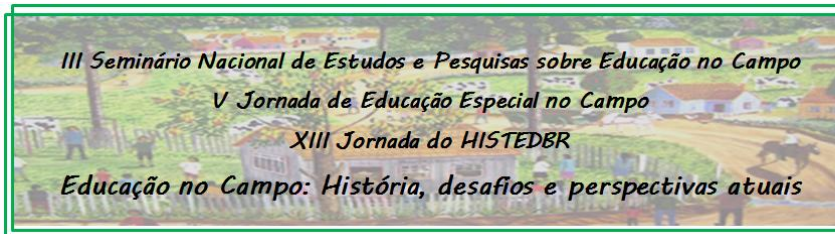
O questionário foi entregue no dia dezessete de março de 2014 aos dezesseis alternantes da terceira série do ensino médio que estavam presentes nesta data, matriculados no curso de Técnico em Alimentos da terceira série. Os questionários entregues foram respondidos e devolvidos no mesmo dia.

A pergunta de número 1 quer saber o gênero dos alunos, ao que percebemos a preponderância dos jovens do sexo masculino com um total de doze alternantes, e as jovens um total de quatro.

A questão de número 2 quer saber a idade dos jovens alternantes, sendo que a grande maioria está dentro da faixa etária, sendo oito com 16 anos e cinco com 17 anos. Dois estão com 18 anos, e um alterante não respondeu esta pergunta. As respostas nos mostram que apenas dois, destes alunos, estão fora da faixa etária para a 3ª série do ensino médio.

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015





A pergunta de número 3 é sobre o local no qual os alternantes residem. Treze afirmaram morar no campo e três afirmaram morar na zona urbana do município, o que evidencia que a maioria dos jovens tem garantida a possibilidade de aplicar e explorar seus conhecimentos.

A pergunta de número 4 é sobre o local no qual os familiares dos jovens alternantes residem. As respostas foram concomitantes a questão três: treze moram no campo, e três na zona urbana.

A pergunta de número 5 procura identificar nas respostas dos alternantes o que significa para cada um o sistema da alternância, uma vez que esta é a pedagogia na qual estão inseridos a mais de dois anos letivos. A esta pergunta, sete jovens responderam de modo objetivo. A resposta do alterante aqui identificado como E, afirma que para ele, a pedagogia da alternância:

É uma pedagogia em que o aluno fica uma semana na casa onde recebe uma folha com tarefas e um plano de estudo, e outra na escola com atividades normais do curso técnico (Alterante E).

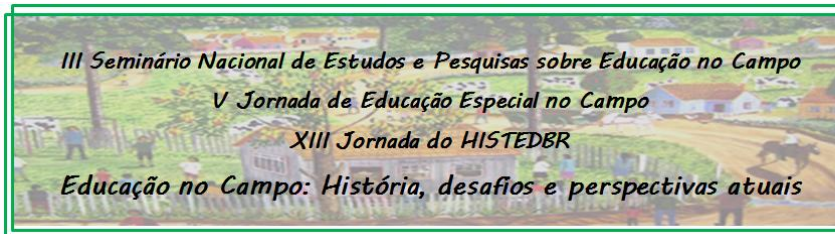
O alternante identificado como F respondeu:

É um modo de você aprender na escola e aplicar o que aprendeu na propriedade (Alterante F).

O alternante identificado como J respondeu:

Ficar uma semana na escola aprendendo a teoria para depois ficar uma semana em casa *ponhando* tudo em prática (Alternante J).

Os alternantes mostraram em suas respostas estar cientes de como funciona o sistema da pedagogia da alternância do ponto de vista técnico. Em poucas palavras expuseram o que esta significa para eles, usando sua própria experiência. Entretanto, pode ser percebida uma possível falta de aprofundamento no tema, ficando a potencialidade desta pedagogia restrita a um ir e vir entre a Casa Familiar, e a residência da família. Entre um aprender na teoria, e a aplicação na prática.



As respostas de alguns alunos apontam para um maior contato entre a escola, o aluno e a família. Respectivamente temos as afirmativas dos alternantes identificados como K, L, M, N e O:

Uma forma de interagir a família e a escola e o bom conhecimento para nós (Alterante K).

Significa que é uma forma diferente, divertida, contagiante e simples de aprender e fazer amigos (família) (Alternante L).

É você estudar durante uma semana, por exemplo, fazer aulas práticas e teóricas e levar o seu conhecimento para sua família e propriedade (Alterante M).

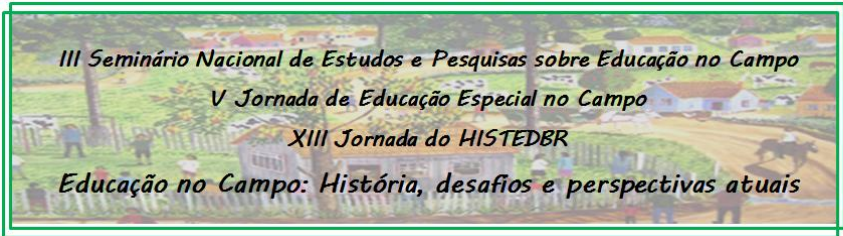
É um meio de responsabilidade. De saber mais e conversar mais com os pais (Alternante N).

É uma forma de estudo onde o aluno fica próximo da família e da escola (Alterante O).

As afirmações acima demonstram uma pedagogia da alternância que envolve o alterante, a casa familiar e a família. Em suas respostas os jovens saem um pouco do caráter técnico demonstrando um maior envolvimento com este trabalho, consequência da percepção na necessidade de ter a família, (neste caso, os pais) envolvidos diretamente em seu aprendizado. Torna-se evidente que esta relação existe, e por grande parte dos jovens é nítida a necessidade desta coletividade. Os alternantes demonstram perceber que não basta levar o conhecimento para a propriedade, mas também para os familiares que ali estão. Citam a necessidade da proximidade do aluno com a família e a casa familiar, no entanto, não apontam a importância da alternância no que se refere à formação integral, a orientação quanto à inserção sócio profissional e a contribuição que esta pedagogia do movimento oportuniza ou pode vir a oportunizar aos sujeitos a ela inseridos. Percebe-se com isso, uma compreensão que tende ao artificialismo do processo da alternância, desconsiderando, ainda que inconscientemente o caráter orgânico e integrador desse sistema.

A pergunta de número 6 quer saber se os jovens alternantes na realização das práticas nas propriedades rurais encontram dificuldades, ao que cinco afirmaram encontrar dificuldades, todos esses, residentes no campo. Dos onze alterantes que responderam não encontrar dificuldades, oito moram no campo e três na zona urbana.

Os alternantes que responderam afirmativamente a questão de número seis deveriam justificar sua resposta na pergunta de número 7. É importante lembrar que de acordo com as respostas do questionário aplicado, os três jovens residentes na zona



urbana afirmaram não encontrar dificuldades para a prática de seus conhecimentos. Os dois, aqui identificados como I e A, escolheram por justificar suas negativas, respectivamente do seguinte modo: *“Não tenho propriedade, moro na cidade”* e *“Sinceramente não sei”*. Os cinco jovens que afirmaram encontrar dificuldade na realização das práticas na propriedade residem no campo. Desses cinco alternantes, dois citam a não identificação das ideias com a de seus pais:

Em coisas como relacionamento com meus pais porque nós temos ideias muito diferentes (Alterante K).

Às vezes as ideias não batem com as do meu pai (Alterante J).

Um justificou alertando para a falta de comprometimento dos pais e também para as dificuldades financeiras, encontradas neste percurso:

Às vezes o ‘financeiro’, o não comprometimento dos pais sobre o que nós propomos (Alterante M).

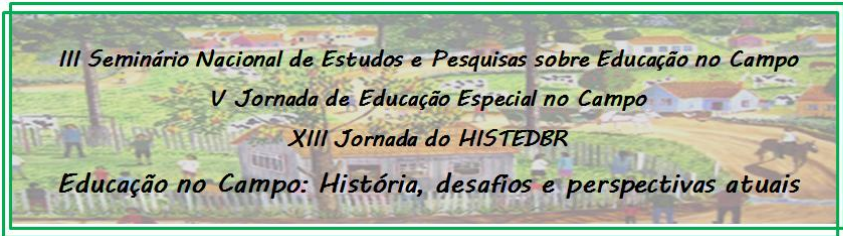
A justificativa usada pelo alternante identificado como F é a falta de produtos:

Algumas maneiras de se desenvolver o projeto como é explicado corretamente, ou por não ter o produto na propriedade (Alterante F).

O alternante P usou como justificativa apenas o fato de não praticar o que é visto, sem maiores explicações:

Pois algumas coisas eu não ponho em prática, não trabalhamos com algumas práticas (Alterante P).

As respostas para a sétima pergunta leva a compreensão de que há a necessidade de um maior engajamento dos familiares no processo da alternância. Talvez seja importante reforçar as famílias e aos próprios alterantes a necessidade da prática na propriedade e a importância quando na concretização deste processo não apenas para a efetivação do aprendizado do alternante, mas também para a melhoria da propriedade familiar e para a integração do jovem com a própria comunidade da qual faz parte. É importante que seja lembrada a sua influência neste meio, ressaltando a história da pedagogia da alternância e os motivos pelos quais ela foi desenvolvida. Percebe-se com



as respostas da questão oito uma dificuldade de prática, por falta de conhecimento e também de condições financeiras para efetivar as ideias que se trabalham durante as aulas na Casa Familiar. Se este for realmente um empecilho, devem ser dadas alternativas para que o aluno desenvolva um plano que lhe seja possível desenvolver.

A oitava questão é sobre onde os jovens alterantes realizam a prática das aulas vistas na Casa Familiar Rural. Doze alterantes residentes no campo afirmaram realizar a prática em casa, na residência da família. Um alternante que vive no campo afirmou realizar as práticas na zona rural, na propriedade de conhecidos. Já os alternantes que residem na zona urbana tiveram respostas diferentes. O jovem alternante identificado como A assinalou a opção “outros” e justificou do seguinte modo: “*Tenho propriedade rural*”; o alternante I assinalou a alternativa b: “Na casa de parentes, na zona rural”; e um terceiro identificado como L assinalou a alternativa a “Em casa, na residência da família”, entretanto, ele não afirmou em suas outras respostas que a família possui propriedade no campo, o que nos dá a entender que ele procura realizar sua prática em sua casa, localizada na zona urbana. De modo geral as respostas dos alternantes da 3ª série do ensino médio nos leva a entender que a grande maioria tem garantida a realização das práticas. Até mesmo os alternantes que vivem na zona urbana com exceção de um, especificaram fazer suas práticas em casa de conhecidos e em sua própria propriedade, no campo. De modo resumido, a questão de número oito contou com treze respostas “Em casa, na residência da família”, uma resposta “Na casa de parentes, na zona rural”, uma resposta “Na zona rural, na propriedade de conhecidos” e uma resposta “Outros”, justificada pelo fato de o alterante viver na zona urbana, mas possuir propriedade no campo.

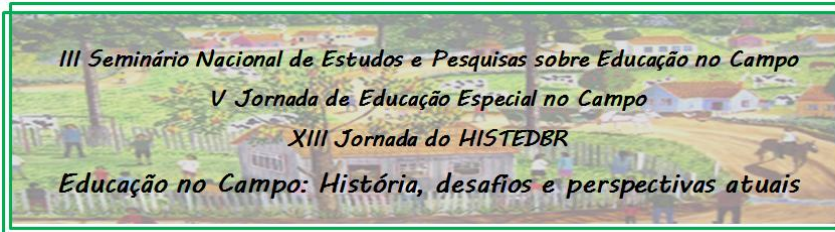
Para a questão de número 9, que pergunta se estudar na Casa Familiar Rural tem feito alguma diferença na vida do alternante, todos os dezesseis responderam afirmativamente, mostrando satisfação com a metodologia da alternância, indicando um bom convívio na Casa Familiar.

A questão 10 quer saber na opinião dos alternantes em que a Casa Familiar Rural tem contribuído na sua vida. A esta pergunta resultou a seguinte tabela:

	Atrapalhou	Não interferiu	Ajudou
a. Ter mais diálogo na vida familiar		1	15
b. Saber conviver em grupo			16
c. Conseguir trabalho		7	9
d. Melhorar a prática na propriedade da família			16
e. Desenvolver um projeto profissional		1	15
f. Conciliar estudo e trabalho	1	5	10
g. Continuar morando com a família		6	10
h. Obter renda		8	8
i. Outros		3	3

Como podemos observar na tabela, para a alternativa A, dos dezesseis alternantes apenas um respondeu que a Casa Familiar Rural não tem interferido no quesito “ter mais diálogo na vida familiar”. Na letra B, todos concordam que a mesma contribui para que eles saibam conviver em grupo. Na alternativa C nove acreditam que contribuiu para que eles conseguissem trabalho, e sete marcaram a opção “não interferiu”. Resumidamente, todas as respostas com exceção de uma: “conciliar estudo e trabalho” que acredita ter atrapalhado, resumiram-se a “ajudou” e “não interferiu”. Os alternantes que marcaram a opção “outros” não justificaram o que seria. Algumas respostas tiveram grande concordância por parte dos alternantes, “ter mais diálogo na vida familiar”, “saber conviver em grupo”, “melhorar a prática na propriedade da família”, “desenvolver um projeto profissional” e “continuar morando com a família” receberam a classificação de “ajudou” por parte da maioria. Nesse sentido observa-se que a pedagogia da alternância na Casa Familiar Rural está tendo um resultado positivo. Oito alterantes indicaram que a Casa Familiar ajudou para que eles continuassem morando com suas famílias. As outras respostas tiveram um número aproximado de marcações, sendo divididas entre “ajudou” e “não interferiu”, são elas: “conseguir trabalho”, “conciliar estudo e trabalho”, lembrando que esta, teve uma marcação no critério “atrapalhou”, “obter renda” e “outros”.

A pergunta 11 quer saber quais as perspectivas dos alternantes em relação ao futuro. Quatro marcaram a alternativa A “Permanecer e trabalhar na propriedade”. Outros quatro optaram pela alternativa B “Morar na propriedade rural, mas trabalhar na zona urbana”, um alterante marcou a alternativa C “Morar e trabalhar na zona urbana”, dois alternantes (um residente no campo e outro na zona urbana) marcaram a opção D “Morar na zona urbana, mas trabalhar na agricultura. A alternativa E foi marcada por



quatro alternantes, sendo dois residentes na zona urbana “Fazer faculdade e viver na zona urbana”, a alternativa F foi marcada por um alternante “Ir embora para outra cidade”, e a opção G “outro” foi marcada também por um único alterante e justificada do seguinte modo “Fazer faculdade, mas sempre ajudar meu pai”. A questão 11 aponta para um baixo índice de alternantes que pretendem continuar no campo e ali trabalhar, apenas quatro jovens dentre os dezesseis demonstraram interesse nisso. Portanto, se fizermos um comparativo das respostas da questão 11 com as respostas da questão 10, perceberemos, que embora dez alterantes tenham afirmado que a Casa Familiar Rural lhes oportunizou continuar morando com suas famílias, esta, é uma condição momentânea, e que assim que terminarem o ensino médio, ou tão logo lhes apareçam condições os mesmos irão embora das propriedades se estabelecendo na zona urbana, abandonando com isso o projeto de vida desenvolvido durante seus anos como aluno alternante da Casa Familiar Rural.

A questão de número 12 consiste em saber se o alterante gostaria de acrescentar mais alguma informação que julgasse relevante, ao que dez responderam que não, quatro deixaram em branco, e dois acrescentaram:

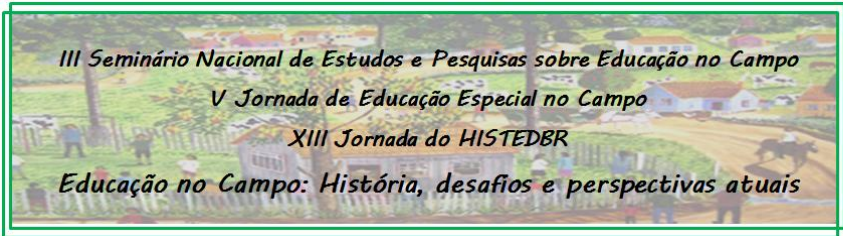
Talvez após formada, realizar meu sonho de ter uma propriedade (Alternante L).

A forma em que convivemos com os professores, são como pais na vida da gente (Alternante A).

São duas respostas positivas em relação ao sistema da alternância, seja no desejo do alternante L em conquistar sua própria propriedade no campo, seja no comentário do alternante A sobre o bom relacionamento entre os jovens e os professores.

Considerações Finais

O resultado da pesquisa permite afirmar que ainda serão necessários outros estudos e reflexões a respeito do sistema da alternância e da Casa Familiar Rural, especificamente na Casa Familiar de Coronel Vivida – PR. O que obtivemos é apenas uma leve compreensão, resultado de um breve estudo o qual se dispôs a observar o perfil destes alternantes, ao que foi identificado serem estes em sua maioria moradores do campo, do sexo masculino, em idade condizente com o ano a que estão matriculados no curso de Técnico em Alimentos. Foi oportunizado observar, também, as possíveis



dificuldades encontradas por eles enquanto alunos alternantes. Esta pesquisa demonstrou sua utilidade à medida que outras perguntas foram surgindo no decorrer do trabalho.

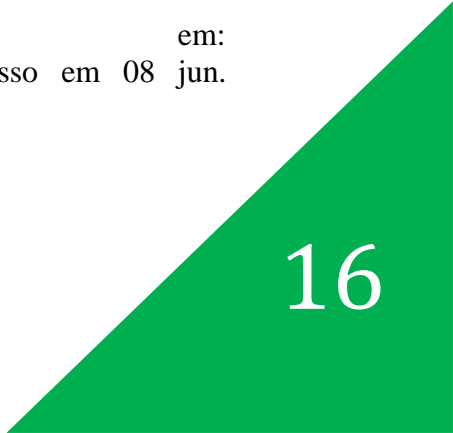
Nessa perspectiva, considero que não basta manter a prática do sistema da alternância nas Casas Familiares Rurais, é necessário também, expor de modo contínuo e aprofundado sobre o que é a pedagogia da alternância no seu sentido social e político. A presente pesquisa demonstra a boa impressão que os alternantes possuem sobre a Casa Familiar Rural e o bom relacionamento entre os jovens alternantes, funcionários, e professores da Casa Familiar. Porém, o trabalho também aponta para a necessidade de outras pesquisas, por exemplo: como tem sido exposto para os alternantes e seus familiares o sistema da alternância; sobre como tem sido a prática desses alternantes que vivem na zona urbana e não possuem propriedade no campo; sobre os motivos de em sua grande maioria os alternantes desejarem sair do campo, mesmo tendo frequentado durante alguns anos uma pedagogia que possui em sua teoria o caráter de formar integralmente estes jovens, os inspirando para a cultura local, para a consciência política e o bem estar coletivo. A efetivação desta pesquisa favoreceu uma maior compreensão sobre a Casa Familiar Rural do município de Coronel Vivida – PR e sobre o jovem envolvido no sistema da alternância.

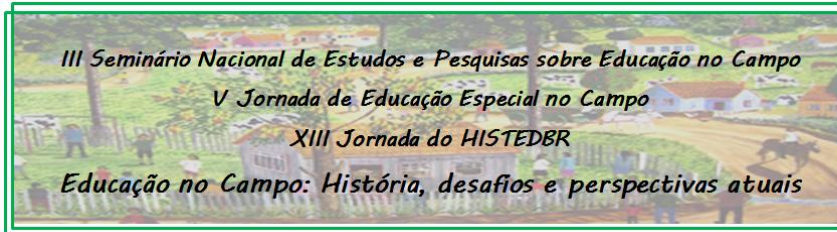
A consciência em relação à pedagogia da alternância será possível diante de transformações conceituais representativas, mediante uma prática que adota interações que compreendam o aluno do campo como sujeito ativo de seu aprendizado, posicionando-se criticamente e ativamente diante das decisões que envolvam sua vida quanto ao caráter profissional, econômico e político, fortalecendo conseqüentemente, deste modo, a identidade e autonomia das famílias do campo, por meio de um ensino que perpassa os muros da escola, contemplando os indivíduos como sujeitos coletivos, historicamente situados no tempo e espaço.

Referências

ARCAFAR/SUL. Disponível em: <http://www.arcafarsul.org.br/novo/?content=conteudos&id=3>. Acesso em 08 jun. 2012

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015





ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: informação e documentação: apresentação de citações em documentos. Rio de Janeiro, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 57 p. Disponível em: <http://letras2010.webnode.com.pt/products/como-elaborar-projetos-de-pesquisa-antonio-carlos-gil/>. Acesso em: 18 ago. 2012.

CALDART, Roseli Salet. A escola do campo em movimento. **Currículo sem Fronteiras**, v.3, n.1, p.60-81, Jan/Jun 2003. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol3iss1articles/roseli2.pdf> Acesso em 01 de out. 2013.

CALDART, Roseli. Salet. Concepção de Educação do Campo. **Cadernos da FAMPER**: Instrumento para publicações de interesse da comunidade em regional. 2009, Ampére – PR. Número I, Ano I, V. I. 66 p. Disponível em: http://famper.com.br/download/cadernos_publicacoes.pdf. Acesso em 27 fev. 2014.

GIMONET, Jean-Claude. **Praticar e compreender a pedagogia da alternância dos CEFFAs**. Petrópolis, RJ: Vozes, Paris: AIMFR – Associação Internacional dos Movimentos Familiares e Formação Rural, 2007.

GNOATTO, Almir Antônio. et all. **Pedagogia da alternância**: uma proposta de desenvolvimento e educação no campo. Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, Fortaleza, 2006. 20 p. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/5/941.pdf>. Acesso em 28 set. 2013.

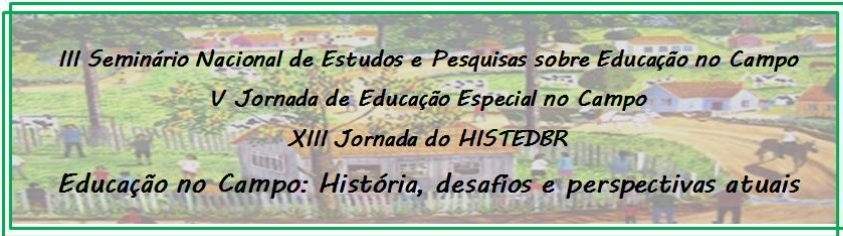
LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL 93.34/96. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>. Acesso em 08 jun. 2012.

MARIRRODRIGA, Roberto Garcia; CALVÓ, Pedro Puig. **Formación en alternancia y desarrollo local**: el movimiento educativo de los CEFFA em el mundo. Argentina: Colección AIDEFA, 2007.

NASCIMENTO, C. G. **Gestão democrática e participativa na pedagogia da alternância**: a experiência da Escola Família Agrícola (EFA) de Goiás. Salvador, n.15, p. 163-178, jan./jul. 2009.

TEIXEIRA, Edival Sebastião; ANTUNES, Letícia Cristina. **Casas familiares rurais e desempenho escolar**: um estudo na região sudoeste do Paraná. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 11, n. 34, p. 951-969, set./dez. 2011. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0C CwQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww2.pucpr.br%2Ffreol%2Findex.php%2Fdialogo%3Fdd99%3Dpdf%26dd1%3D5673&ei=375MUuaJKouK9gSswICIBA&usg=AFQjCN GNe7X3SaUisousi2vl2vXO2nakyA&bvm=bv.53371865,d.eWU>> Acesso em: 01 out de 2013

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



TEIXEIRA, Edival Sebastião. etall. Estudos sobre Pedagogia da Alternância no Brasil: revisão de literatura e perspectivas para a pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.34, n.2, p. 227-242, maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022008000200002> Acesso em: 20 jul. 2013.

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015